

3

Decisões metodológicas

As decisões metodológicas que dão suporte a esta dissertação serão apresentadas em quatro partes: abordagem da pesquisa, contexto, participantes, construção de dados. Na abordagem da pesquisa falo sobre os princípios da pesquisa qualitativa que norteiam o presente trabalho. Em seguida, explico o contexto no qual a pesquisa foi realizada, bem como os participantes envolvidos e a relação entre eles. No tocante à construção de dados, falarei sobre o alinhamento teórico-metodológico adotado para a construção dos mesmos. Para tal, falo sobre as notas expandidas e a entrevista separadamente. A metodologia de análise será apresentada no capítulo 4, precedendo à análise dos dados.

3.1

Abordagem da pesquisa

A construção de dados foi feita a partir de princípios da pesquisa qualitativa. Segundo Guba & Lincoln (1994, p. 106), a pesquisa qualitativa pode “prover informação contextual, (...) prover uma rica visão do comportamento humano, (...) revelar visões êmicas”, não sendo ainda necessário (e nem sempre possível) fazer generalizações.

Seguindo as definições dadas por Denzin & Lincoln (1994, p. 2),

a pesquisa qualitativa é multimetodológica em seu foco, envolvendo uma aproximação interpretativa e natural ao assunto da pesquisa. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seus ambientes naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas dão aos mesmos. A pesquisa qualitativa envolve a coleta e estudo de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso, experiência pessoal, introspecção, história de vida, entrevista, textos visuais, interacionais, históricos e

observacionais – que descrevem rotina e momentos problemáticos e significados na vida dos indivíduos.

Como pesquisa qualitativa, a pesquisa de cunho etnográfico me pareceu ser, para o caso estudado, a mais apropriada, já que pressupõe “uma forte ênfase em explorar a natureza de fenômenos sociais específicos (...); a investigação de um pequeno número de casos (...); análise de dados que envolve interpretação explícita dos significados e funções das ações humanas (...)” (Atkinson & Hammersley, 1994, p. 248).

Os dados construídos constam de notas expandidas e de uma entrevista sobre as quais discorrerei na seção 3.4. Registrei também o meu olhar em relação ao ambiente de pesquisa através de fotografias, que foram úteis por mostrarem os aspectos físicos do ambiente escolar. Antes de falar da construção dos dados, discorrerei sobre o contexto da pesquisa, bem como sobre os participantes envolvidos.

3.2

Contexto

A presente pesquisa foi feita em uma escola pública estadual situada na região central de Juiz de Fora. Durante o período de observação, que se deu entre os dias 17 de agosto e 20 de setembro de 2004, assisti às aulas de Inglês da sexta série B e da sétima série A.

A escola em questão, apesar de ser uma escola pública, não tem uma sede própria. Ela funciona no mesmo prédio onde estão situados um colégio técnico e profissionalizante e uma rádio local. Tudo isso, devido a rachaduras e infiltrações na antiga sede da escola, o que fez com que o colégio tivesse que se mudar para esse outro lugar que estava disponível. Dessa forma, o prédio no qual a escola funciona, não é apropriado para receber crianças, já que originalmente ele foi projetado para atender apenas aos alunos do Ensino Médio. Além disso, a escola estadual tem permissão para usar apenas algumas partes do prédio.

Quanto às aulas de Inglês assistidas, cabe mencionar que elas foram lecionadas na Língua Portuguesa.

Em relação ao contexto da entrevista, ela foi feita nos minutos finais de uma aula da sétima série A, quando a professora deixou os alunos continuando um exercício que ela havia pedido para fazer e ficou conversando comigo. Como a entrevista foi feita na sala de aula mesmo, a conversa dos alunos interferiu na gravação, tornando a transcrição menos clara em algumas partes. Assim, as dúvidas de vocabulário demonstradas na transcrição se devem, principalmente, aos ruídos ocasionados pela conversa dos alunos.

A turma da sexta série B tem 29 alunos e na sétima série A, embora eu não tenha verificado o número de alunos, acredito que tenha, no máximo, 26 alunos, já que havia na sala 27 carteiras (sendo uma delas o lugar onde eu me sentei).

3.3

Participantes

Durante o período de construção de dados, várias pessoas foram envolvidas. Algumas contribuíram de forma direta e outras, de forma indireta. Dentre as pessoas que participaram mais ativamente, cabe citar a professora de Língua Inglesa, os alunos e eu, como pesquisadora. Dentre as que participaram de forma menos direta, menciono as supervisoras e diretoras e os demais professores da escola. Dessa forma, nas subseções seguintes, falarei um pouco sobre estas pessoas.

3.3.1

A professora de Língua Inglesa

A professora de Inglês (aqui nomeada Mariana) é uma das participantes principais. Além de ter contribuído significativamente com a pesquisa, permitindo minha presença em suas aulas, ela me ofereceu informações de grande valor para a construção de meus entendimentos. Foi com ela também que a entrevista foi feita.

Mariana é formada em Letras por uma faculdade particular, e tem habilitação nas Línguas Inglesa e Portuguesa. Ela trabalha atualmente em escolas

públicas estaduais e municipais (nas quais ela é professora efetiva) e também em escolas particulares, onde leciona ambas as Línguas. Isso quer dizer que ela tem uma carga horária excessiva de trabalho, chegando a dar até quinze aulas em um mesmo dia. Devido a sua carga horária, também sobra pouco tempo para que possa resolver questões externas ao ambiente escolar (como exemplo, no período de observação, ela estava montando sua casa nova, mas não tinha tempo para escolher os móveis).

3.3.2

Os alunos

Os alunos são participantes chave da pesquisa. Afinal, não é possível haver processo educacional onde não haja alunos.

Eles vêm de diferentes regiões da cidade, e têm diferentes *backgrounds*. Eles têm entre doze e dezesseis anos, sendo que alguns deles já chegaram a repetir até três vezes a mesma série.

Eles participam a todo o momento, direta ou indiretamente. Porém, apesar de serem participantes diretos na sala de aula, durante a entrevista, eles assumem papel de “circunstantes” (Goffman, 2002, p. 118). A fala se dá no âmbito visual dos alunos, embora diretamente seja dirigida a mim. Segundo Goffman (*ibid*),

muita fala se processa no âmbito visual e auditivo de pessoas que não são participantes ratificados e cujo acesso ao encontro, embora mínimo, é perceptível aos participantes oficiais. Esses participantes eventuais são “circunstantes”. A sua presença deve ser considerada regra e não a exceção.

Certamente, a presença dos alunos tem influência no discurso da professora. Afinal, tudo aquilo que dizemos depende do contexto e dos participantes envolvidos. O modo de falar e até mesmo o que falar pode ser modificado, quando sabemos que estamos sendo observados ou ouvidos por pessoas não ratificadas no momento da fala, como coloca Goffman (2002).

Porém, no caso acima, acredito que, ao oferecer para dar a entrevista durante a aula, a professora confere, indiretamente, aos alunos, o papel de

ouvintes ratificados. O que acredito que ocorra, na verdade, é um caso de “insinuação” (ibid, p. 121).

Aliada ao conluio está a “insinuação”, através da qual o falante, ostensivamente dirigindo palavras a um interlocutor endereçado, encobre suas observações com um significado patente, mas passível de ser negado, significado que tem mais alvo do que interlocutor propriamente, que em geral é desabonador e tem por propósito ser captado pelo alvo, seja ele o interlocutor endereçado, um interlocutor não-endereçado, ou mesmo um circunstante (Fisher, 1976).

Entendo que na entrevista Mariana não se dirige diretamente aos alunos, mas faz com que eles sejam alvos de sua fala. Acredito que, ao se oferecer para dar a entrevista naquele momento, Mariana tinha em mente a participação dos alunos como ouvintes (ainda que não ratificados). Assim, a presença dos alunos é um fator relevante para a análise da entrevista.

3.3.3

A pesquisadora

É importante ressaltar o papel ocupado pelo pesquisador durante a pesquisa. Segundo Atkinson & Hammersley (1994, p. 249),

de certa forma, *toda* pesquisa social é uma forma de observação participante já que não podemos estudar o universo social sem sermos parte dele (Hammersley & Atkinson, 1983). A partir deste ponto de vista, a observação participante não é uma técnica específica de pesquisa, mas um jeito de ser-no-mundo característico de pesquisadores.

No meu entender, o pesquisador deve ser considerado um participante no processo de pesquisa, na medida em que ele, de certa forma, interfere no meio sobre o qual a pesquisa é realizada. Na verdade, neste caso, eu (como pesquisadora) me inseri em um meio do qual não participava em minha vida cotidiana. Assim, tanto para a professora, quanto para os alunos, a minha presença evoca significados diversos.

No contexto da pesquisa, eu era vista pela professora como uma pesquisadora, graduanda, que representava a faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Assim, Mariana em alguns momentos me trata como

pesquisadora, que pode ouvir questões que ela imagina que sejam relevantes para uma pesquisa, em outras, ela me vê como alguém que está observando sua prática e então justifica suas atitudes.

Para os alunos, meu papel não ficou claro. Ao me apresentar para a turma da sétima série A, Mariana disse que eu ia assistir às aulas de Inglês e que eu havia escolhido aquela turma porque era a melhor turma. Porém, na sexta série B, ela me apresentou e, então, disse para os alunos que eu estava assistindo às aulas para anotar se eles falavam muito. Os alunos então passaram a suspeitar de meu papel, com certo receio de que minha presença pudesse representar alguma punição.

3.3.4

Demais participantes

Além de Mariana e dos alunos, as diretoras e supervisoras também têm grande participação, já que entram nas salas de aula com certa frequência, interrompendo o andamento das mesmas.

Os outros professores da escola participam nos momentos em que estamos na sala de professores. Normalmente não parece haver acordo entre os professores, o que sugere um clima de desarmonia.

3.4

Construção dos dados

No período de pesquisa, conforme já mencionado, os dados foram construídos através de anotações feitas na escola. Também foi possível fazer uma entrevista com Mariana. Além disso, obtive permissão para tirar fotografias da escola. Aqui, utilizarei apenas as notas expandidas e a entrevista para a construção de entendimentos.

3.4.1

Notas expandidas

As notas expandidas foram construídas entre os dias 17 de agosto e 20 de setembro de 2004. Esse período corresponde ao período de observação na escola, quando assisti a seis aulas de Inglês em cada uma das turmas (sexta série B e sétima série A). Também durante esse período, observei uma aula de Português em cada uma das salas em pesquisa, para que fosse possível observar semelhanças e diferenças entre os dados construídos durante as aulas de Língua Inglesa e outros momentos no processo educacional. Os trechos das notas expandidas referentes às aulas de Português serão utilizados apenas quando se mostrarem relevantes para as análises em questão.

Parte das notas expandidas foi também tomada na sala de professores, antes das aulas ou durante o intervalo. O mesmo ocorreu nos corredores do colégio.

Para a construção de dados, Allwright & Bailey (1994, p. 3; dentre outros) apresentam várias possibilidades, uma das quais foi a usada.

Fazer a pesquisa é essencialmente uma questão de coleta e análise de dados. Tipicamente você precisa de algum tipo de registro do que aconteceu em uma sala de aula específica ou em algumas salas de aula, de forma que você possa analisar o registro (seus dados) e descrever os processos da sala de aula da maneira que te interessar. [A maneira] mais óbvia é desenvolver uma base de dados (o registro) através de observação direta. Você poderia observar os processos da sala de aula assentando-se na sala e fazendo anotações...

Durante o período de observação tomei notas que constituíram minhas notas de campo. Sempre após a observação, eu transformava as notas de campo em notas expandidas. Nas notas expandidas, as notas de campo eram transformadas em texto e minhas observações pessoais eram acrescentadas.

As referências às notas expandidas serão feitas de acordo com a numeração das notas. Ou seja, NE001 refere-se às notas relativas ao primeiro dia de pesquisa. As notas expandidas completas formam o ANEXO 2.

3.4.2

Entrevista

A entrevista foi feita durante uma aula da sétima série A, com a professora de Inglês cujas aulas eu estava observando. A entrevista tem a duração de aproximadamente 8 minutos e 23 segundos.

Ela pode ser considerada semi-estruturada, já que eu, no papel de entrevistadora, não tinha perguntas prontas a fazer, mas o tema da entrevista foi delimitado por mim através de perguntas relevantes para o momento no qual estava ocorrendo. Como vemos através de Fontana & Frey (In: Denzin & Lincoln, 2000, p. 653), esse tipo de entrevista “é ainda estruturada até certo ponto – ou seja, há um contexto, há informantes identificados, e os respondentes são claramente discerníveis. Em outros tipos de entrevistas, pode não haver um contexto específico...”.

O nome da professora, bem como das demais pessoas citadas durante a análise são fictícios. O único nome mantido é o da entrevistadora, que é a autora desta dissertação. A escolha dos nomes fictícios não seguiu nenhuma norma acadêmica. Apesar de compartilhar as noções apresentadas por Garcez (2001, p. 83-95), que defende a escolha de nomes fictícios que mantenham a entonação do nome real, considereei que, por ter feito a pesquisa em uma cidade pequena, a manutenção dos nomes comprometeria o anonimato dos participantes. Além do mais, a escolha dos nomes não geram, aqui, nenhum problema em relação à questão de entonação, já que nenhum nome é citado no decorrer da entrevista. Dessa forma, optei por dar nomes de fato diferentes dos nomes reais.

A transcrição inicial (ANEXO 3) foi feita seguindo orientações de Gago (2003). As convenções de transcrição encontram-se na página 12. A partir da transcrição inicial fiz uma segunda transcrição na qual separei o texto em unidades que fossem visualmente significativas para a análise (ANEXO 4). Portanto, no decorrer do trabalho farei menção apenas à segunda transcrição. Para destacar qualquer trecho da entrevista, fora dos traços previstos para a transcrição, será usado negrito.

A metodologia de análise será apresentada no capítulo que se segue.